

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

calei
dos
ópio



LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

Por opção dos autores,
e manifestando a sua discordância
com o acordo ortográfico de 1990,
os presentes textos são apresentados
com a grafia que lhe é prévia.

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

ANA LEMA SEABRA
ANA MARGARIDA ARRUDA
ANA SOFIA ANTUNES
CATARINA BOLILA
CIDÁLIA DUARTE
CLÁUDIA COSTA
CLÁUDIA MANSO
DAVID GONÇALVES
DIEGO ANGELUCCI
ELISA DE SOUSA
ÉVER CALVO
FRANCISCA ALVES-CARDOSO
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
JOANA REIS
JOÃO MURALHA
JOSÉ CARLOS QUARESMA
JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

MANUELA LEITÃO
MARINA LOURENÇO
NATHALIE ANTUNES-FERREIRA
NÉLSON CABAÇO
NUNO NETO
PAULO BOTELHO
PAULO REBELO
PEDRO FERNANDES
PEDRO PEÇA
RAQUEL GRANJA
RODRIGO BANHA DA SILVA
SUSANA GARCIA
SÍLVIA CASIMIRO
VASCO LEITÃO
VASCO NORONHA VIEIRA
VÍTOR FRAZÃO

Sumário

7	Apresentação	66	Calçada do Garcia e Largo de S. Domingos RODRIGO BANHA DA SILVA
8	Nota Introdutória	70	Rua das Portas de Santo Antão NÉLSON CABAÇO, ÉVER CALVO MARINA LOURENÇO SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO RODRIGO BANHA DA SILVA
10	À guisa de introdução: algumas palavras prévias... RODRIGO BANHA DA SILVA	74	Calçada do Lavra: Testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana PEDRO PEÇA CATARINA BOLILA RAQUEL GRANJA PAULO REBELO
12	Práticas e rituais funerários na região de <i>Olisipo</i> no I milénio a.n.e.: O impacto orientalizante e o seu reflexo no estuário do Tejo ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA ANA SOFIA ANTUNES SUSANA GARCIA	84	Encosta de Sant'Ana: Os espaços sepulcrais CIDÁLIA DUARTE CLÁUDIA COSTA DAVID GONÇALVES DIEGO ANGELUCCI JOÃO MURALHA JOSÉ CARLOS QUARESMA MANUELA LEITÃO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA PAULO BOTELHO VASCO LEITÃO
24	Espaços funerários: de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a <i>Olisipona</i> RODRIGO BANHA DA SILVA	100	Rua de Santa Marta, n.º 32-34: estrutura funerária romana PEDRO FERNANDES NUNO NETO
32	Rua dos Correeiros: o espaço funerário ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA JACINTA BUGALHÃO RODRIGO BANHA DA SILVA CIDÁLIA DUARTE	104	As inscrições funerárias da Necrópole NO de <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
40	Rua Nova do Almada, n.º 63-73: Vestígios da necrópole romana da “via Este-Oeste” de <i>Olisipo</i> HELENA PINHEIRO RAQUEL GRANJA NUNO NETO		
44	Praça da Figueira RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO		

116	Núcleos ocidentais I - Palácio dos Condes de Penafiel RODRIGO BANHA DA SILVA	141	Recintos, edifícios e monumentos funerários em <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
120	Núcleos ocidentais II - Rua de São Nicolau e <i>Corpus Christi</i>: Discretas evidências da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA CLÁUDIA MANSO RODRIGO BANHA DA SILVA ANA SEABRA	161	Os Olisiponenses: Estudo bioantropológico de uma população da Lusitânia FRANCISCA ALVES-CARDOSO SÍLVIA CASIMIRO SUSANA GARCIA NATHALIE ANTUNES-FERREIRA RAQUEL GRANJA MARINA LOURENÇO CIDÁLIA DUARTE DAVID GONÇALVES
121	Núcleos ocidentais III - Rua da Prata: Evidências fúnebres da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO CLÁUDIA MANSO NUNO NETO JOANA REIS JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO	174	A Infância entre a Época Romana e a Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO
123	Alfama RODRIGO BANHA DA SILVA	182	O mobiliário funerário RODRIGO BANHA DA SILVA JOSÉ CARLOS QUARESMA
126	Rua do Paraíso. Os monumentos funerários: um <i>columbarium</i> de <i>Olisipo</i> VASCO NORONHA VIEIRA NUNO NETO SÍLVIA CASIMIRO VÍTOR FRAZÃO RAQUEL SANTOS	198	Referências
130	Práticas e rituais funerários em <i>Olisipo</i> entre os séculos I e VI d.C. RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA MARINA LOURENÇO RAQUEL GRANJA SUSANA GARCIA CIDÁLIA DUARTE FRANCISCA ALVES-CARDOSO	209	Lista de Autores

Espaços funerários: de *Felicitas Iulia Olisipo* a *Olisipona*

RODRIGO BANHA DA SILVA

A mentalidade romana encerra uma noção do espaço, dos acontecimentos e do próprio lugar que a pessoa humana ocupa como resultado de um equilíbrio e da acção entre as várias esferas (celestial, terrena, do submundo), cosmogonia que sujeita o indivíduo ao respeito estrito pela vontade divina, a um interesse na manutenção da harmonia entre deuses e homens que é do colectivo e de onde deriva a atenção e cuidado prestado ao cumprimento dos rituais, o veículo de comunicação terrena com as outras esferas. Esta noção, que é em traços gerais partilhada com outras bem diversas sociedades contemporâneas de Roma, tem necessárias e fortes implicações para o indivíduo, seja ele vivo ou falecido, como o têm de igual modo para a organização e gestão dos espaços que compõem o território.

No que respeita ao indivíduo, para o paganismo romano o corpo defunto é funesto. Ele corrompe, contamina e polui. Por essa razão se lhe associa um conjunto rico e complexo de gestos rituais expiatórios, protectores e que evitam o mal, que no seu todo compõem o *funus*: “protocolo” desenrolado desde o último estertor até ao momento em que o defunto repousa na sepultura, a partir desse momento constituída como *locus religiosus*. Matéria religiosa, é certo, que tem no ritual a sua primordial preocupação, seja na prática do *funus* ou na perpetuação da memória do defunto que se irá desenrolar depois de forma repetida no lugar da sepultura. Mas um pouco mais que isso: como tantas vezes nas religiões, muito aquém dos aspectos filosóficos estão subjacentes bem pragmáticas

preocupações sociais, neste caso específico de cariz sanitário, pretendendo-se o controlo social mediante a ideologia sustentada pelo credo.

Também a espacialidade dos territórios é organizada segundo princípios na base mágico-religiosos, como antes se disse. De entre os vários aspectos há todavia um que ressalta de forma muito vinculada: a definição da cidade enquanto entidade e da sua área. Por oposição às cidades sujeitas a tributo, cerca de 31-27 a.C. foi atribuído a *Olisipo* um estatuto único no quadro da *Lusitania*, o de *municipium ciuium romanorum*. Esta promoção legal a um estatuto privilegiado (colónias e municípios) implicou para os centros urbanos, mesmo os de origem bem mais remota como Lisboa, a prática de um

ritual fundacional bem ilustrativo da mundo-visão romana pagã, como se de uma cidade nova se tratasse: como Rômulo na fundação da própria Roma, um sacerdote conduziu um jugo de dois bois claros rompendo com o arado a crosta terrena, desta forma expondo o submundo; a cidade simbolicamente assim fundada (ou “refundada”) sujeita-se aos augúrios divinos, e prosseguirá se a vontade dos deuses fosse favorável (a queda de um raio no interior da área assim definida constituía um péssimo auspício, demonstrando a não vontade de Júpiter, por exemplo); o perímetro interior assim definido (o sobredito *pomerium*) passou então a constituir um espaço reservado às divindades da esfera celestial e aos homens constituindo a cidade em sentido estrito, ao contrário do seu exterior.

A existência deste *pomerium* colide, portanto, com a presença do defunto no seu interior, exigindo a purificação da casa e das suas pessoas após a prática do *funus*, como impondo que a sepultura tenha lugar no exterior da cidade.

Sociedade urbana, que entende a forma de viver urbana como a mais civilizada, onde o contrato social entre os vários indivíduos se consubstancia na lei (onde à liberdade individual se impõem limites em função de um bem maior colectivo), Roma transporá a inspiração do modelo da sua própria cidade para os espaços provinciais. Ora, tal como a *Vrbs* se rege pela lei, as cidades peregrinas (as outras, independentemente do seu estatuto legal) irão também elas reger-se por leis escritas acessíveis a todos, que derivam do direito romano ou adaptam e sujeitam as leis e hábitos locais ao crivo de permissibilidade daquele.

Neste sentido, na Lei das XII Tábuas (c. 450 a.C., base fundamental do direito romano), a táboa X respeitante ao direito sacro fazia constar 16 normas sobre funerais e exéquias, sendo que o segundo item proibia expressamente a prática de sepultamentos

ou da cremação dos cadáveres dentro do *pomerium* da *Vrbs*. Apesar de a regulação romana do âmbito funerário ser complexa e não sistemática, dela se ocupando sobretudo o *ius pontificium* (i.e., direito religioso), completado pelo *ius sepulcrorum* (relativo a direitos e obrigações e acções relativas aos sepulcros), a essência e o estabelecido na Lei das XII tábuas foi sempre o princípio geral respeitado e prevalente nas leis locais.

Ora, *Olisipo* teve sem margem para dúvidas a sua lei própria, para nós perdida porque presa no tempo. Afortunadamente, chegaram-nos outras leis hispânicas que nos ajudam a imaginar por aproximação o teor da lei olisiponense a respeito das questões funerárias, das quais se salienta, pela sua importância excepcional, o texto conservado da *Colonia Genetiva Iulia seu Vrsonensis* (perto de Osuna, Sevilha). Nas tábuas de bronze da colónia criada por Júlio César durante a sua ditadura (o texto original transmitido é desta altura, de entre 48-44 a.C., data muito chegada à da elevação de *Olisipo* a *municipium*, recorde-se que de 31-27 a.C.) é estabelecido expressamente que:

«73. Pessoa alguma poderá, dentro dos limites da cidade ou colónia ou dentro da área definida pela relha do arado [o acto fundacional], introduzir pessoa morta, ou sepultar ou cremar, ou construir monumento a defunto. Se alguma pessoa agir em contra-venção a este regulamento será condenada a pagar aos colonos da colónia Genetiva Iulia 5.000 sestércios e será processado por qualquer pessoa, por esse valor. Todo o monumento assim construído será mandado demolir pelo *duúnviro* ou edil e se, em contra-venção a esta lei, um defunto tiver sido ali sepultado, deverão os mesmos magistrados proceder à necessária expiação.

74. Pessoa alguma construa a menos de meia milha da cidade novo forno crematório onde não foi ainda cremada pessoa alguma. Quem agir em contra-venção a

este regulamento será condenado a pagar aos colonos da colónia Genitiva Iulia 5.000 sestércios e será processado por qualquer pessoa, por esse valor.» (trad. própria, adaptada; para mais informação a respeito destas disposições ver López Melero, 1997).

As leis locais dão, portanto, corpo ao pano de fundo ideológico religioso romano, reforçando-o. Noutro sentido, e como se conclui, a mentalidade religiosa e a legislação delineiam o espaço funerário por exclusão, não por definição: os romanos não possuem cemitérios, tal como entendemos hoje a palavra. Este é o aspecto mais fulcral para se perceber a “cidade dos mortos” (necro+polis) quando a mundovisão pagã e os princípios legais estão plenamente em vigor: a “cidade dos mortos” define-se na sua essência por exclusão e oposição à “cidade dos vivos”, portanto sem contornos precisos de *per si*, elemento base para lermos hoje o dado arqueológico fúnebre espacial de *Olisipo*; como também para olharmos em perspectiva reversa a cidade em sentido estrito, usando metodologicamente a presença do elemento funerário para definir por exclusão os contornos da área da cidade antiga, como acontece com tudo o resto que é nefasto (artesanias ou manufacturas que usam arte do fogo” ou que, para usar um termo actual, são especialmente poluentes, caso dos açougues). Não perceber isto é não perceber o urbanismo de *Felicitas Iulia Olisipo*...

Desta forma, o que conhecemos hoje de *Olisipo* relativo à ocupação funerária do espaço é “clássico”, ou seja, implícita e necessariamente periférico à cidade em sentido estrito, e apresenta-se-nos com duas manchas de maior densidade e/ou coerência de vestígios a noroeste e a sudeste, mais pontos disseminados pelo remanescente da área suburbana a ocidente e a NE, para já pouco densos e dispersos.

Se é certo que esta geografia se relaciona com janelas de oportunidade à investigação

proporcionadas pela cidade viva, ela reflecte a própria composição da rede das vias de comunicação e sua respectiva hierarquia, parecendo que as duas estradas mais importantes de conexão da cidade atomizaram o fundamental do uso funerário. Neste sentido ganham corpo as denominações de “Necrópole NO”, “Necrópole SE”, ou de “núcleos ocidentais”, ... Trata-se, no concreto, de artificialidades metodológicas produzidas pela investigação, procurando organizar as evidências conhecidas em percepções dos usos antigos mais ou menos intensos, reflectidos na própria organização do presente volume, mas jamais tiveram essa nomenclatura em época romana...

São pragmáticos os fundamentos de uma disposição espacial onde a rede vial atrai o uso funerário. Esta organização resulta de uma necessidade, a da prática repetida das visitas aos túmulos para prestar o devido culto (aos antepassados, aos Deuses Manes, espíritos colectivos dos mortos), incluindo a toma das refeições no lugar da sepultura nas alturas e dias assinalados (festividades como as *Parentalia*, *Feralia*, *Rosalia*, ou no *dies natalis* do defunto, ...), como também para cuidar da manutenção e limpeza do mesmo, ou sua ornamentação (nomeadamente com grinaldas ou flores, gozando a rosa de favor especial de acordo com os textos).

Mas a estruturação espacial dos espaços fúnebres urbanos romanos fazia-se de igual modo em função de outros factores de índole socio-económica e ideológica: as necrópoles são para ser “lidas” por quem passa. Os letreiros e as arquitecturas compõem uma paisagem de forte significância visual na aproximação à cidade, por isso sendo mais atractivas ao uso funerário as principais vias, mais frequentadas. A sua lateralidade constituiu-se, por consequência, espaço privilegiado de representação social das cidades. Este facto tem impacto directo na organização interna do espaço das necrópoles, conferindo uma

maior valoração às zonas de especial visibilidade paisagística (a proximidade a uma *porta ciuitatis*, ou a vizinhança a um circo, por exemplo), diferenciando portanto, e deste modo, os custos imobiliários dos terrenos suburbanos, ou influenciando a intensidade do seu uso para fins funerários.

A dinâmica dos espaços fúnebres olisiponenses ao longo do Principado (finais do século I a.C. - finais do século III d.C.) dá-nos testemunho também do fenómeno de crescimento da cidade na sua zona suburbana. O núcleo sepulcral mais antigo conhecido até ao momento, da Rua dos Correeiros (como aparentemente o núcleo anexo à mesma via romana E-O da Rua Nova do Almada - ver apartado, neste volume), proporcionou datas mais recentes situadas em meados do século I d.C. Após estas cronologias verifica-se ali a perda do uso fúnebre do espaço, substituído pela instalação das unidades de preparados piscícolas (Bugalhão, 2001; Bugalhão *et al.*, 2013). De há muito foi sugerido que a ocidente, a ocupação das áreas mais próximas da cidade em sentido estrito empurraram o uso funerário preferencial para norte, para a área da Praça da Figueira (Necrópole NO - ver apartado, neste volume), onde os sepultamentos mais antigos atestados até ao momento se verificaram justamente em meados do século I d.C. (Silva, 1999; 2018). Tem de se ter presente, no entanto, que o uso funerário tinha lugar a par de outros, não existindo uma lógica de afectação funerária imposta pela autoridade municipal, a cúria, a parcelas de terreno que eram particulares, à excepção da eventualidade da existência de lotes por ela destinados expressamente para esse efeito, como recentemente se testemunhou no *sepulcretum* de Llanos del Pretorio, na cidade de Córdoba (Vaquerizo Gil, 2020).

Noutro sentido, a não existência de uma forçosa continuidade das áreas funerárias ajudará a melhor entender a ocorrência de vestígios de uma sepultura de cremação dos

séculos II-III d.C. na Rua de São Miguel n.º 43, em Alfama, quando o que a rodeia ou lhe é próximo se conecta com usos domésticos e eventualmente artesanais, somente se adensando o uso funerário mais adiante, na zona do Campo de Santa Clara (Necrópole SE - ver apartado sobre a Rua do Paraíso, neste volume), encerrando cronologias mais recuadas. Ou a perceber o porquê da inclusão no presente volume de uma sepultura de cremação em Santa Marta, muito mais provavelmente equivalente ao testemunho funerário de uma propriedade rústica periurbana do que a uma lógica de densidade de uso que caracteriza os restantes núcleos da Necrópole NO: as «cidades dos mortos», porque definidas por exclusão, tornam fluídos os seus contornos...

A geografia e a paisagem dos espaços fúnebres romanos olisiponenses sofreriam, durante a Antiguidade Tardia e a implantação do cristianismo, alterações disruptivas.

Por um lado, a partir do século III d.C. o hábito epigráfico está em forte quebra, como acontece de forma global no Império (ver apartado próprio sobre a epigrafia da Necrópole NO, neste volume). Cumulativamente, a partir de finais do mesmo século ou inícios do seguinte ocorre em Lisboa um fenómeno generalizado de “desmonumentalização” e de reaproveitamento da pedra das construções anteriores com impacto vigoroso nas de carácter público (teatro romano; fórum ?; circo ?) e funerário, que prossegue nos séculos imediatos com sucessivas e intensas repetições. Acções drásticas, no seu todo obliteraram da paisagem suburbana de *Olisipo* as arquitecturas antigas, como transfiguraram a antiga espacialidade das necrópoles urbanas. O espaço rural dos campos olisiponenses, por seu turno, assume-se então com uma dimensão vibrante de representação social para as elites, que se manifesta de forma evidente na relativa exuberância decorativa das partes residenciais das propriedades,

como no investimento feito na sua renovação e ampliação (vide, a este propósito, Guerra, 2003). Por fim, o cristianismo transportou consigo outros princípios religiosos, presumindo o sepultamento por inumação em áreas de carácter sagrado, templos ou *ad sanctos*. E está fora de questão a dimensão e força que esta religião oriental assumiu em Lisboa já na primeira metade do século IV d.C., com diocese plenamente constituída e onde assoma a proeminente figura à escala global do bispo Potâmio de Lisboa (vide seus textos em Lamelas e Gonçalves, 2020).

Na antecâmara da Idade Média, o pouco que conhecemos da arqueologia fúnebre dos séculos V-VIII d.C. mostra-nos uma assimetria de informação.

Por um lado, sepultamentos dispersos, discretos, muito circunscritos e por vezes até somente individuais (como o visível no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, o detectado no Palácio dos Condes de Penafiel, o “jovem” inumado por sobre os escombros de umas termas da Rua da Adiça - Filipe e Santos, 2020, p. 84 -, os neo-nados ou muito jovens dispersos pela Praça da Figueira - Casimiro, Prata e Silva, 2017 - ou concentrados num antigo tanque de salga na Rua da Prata - para estes últimos ver apartado, neste volume -, a par de uma eventual área anexa a espaço sagrado na Rua de São Nicolau/*Corpus Christi* (ver apartado, neste volume). Por outro lado, umas escassas inscrições funerárias, somente de momentos avançados do século V d.C. às décadas centrais do século VI d.C., todavia desgarradas do seu contexto original (Barroca, 2000; Dias e Gaspar, 2006, pp. 235-248; Guerra, 2006; De Man e Silva, 2016).

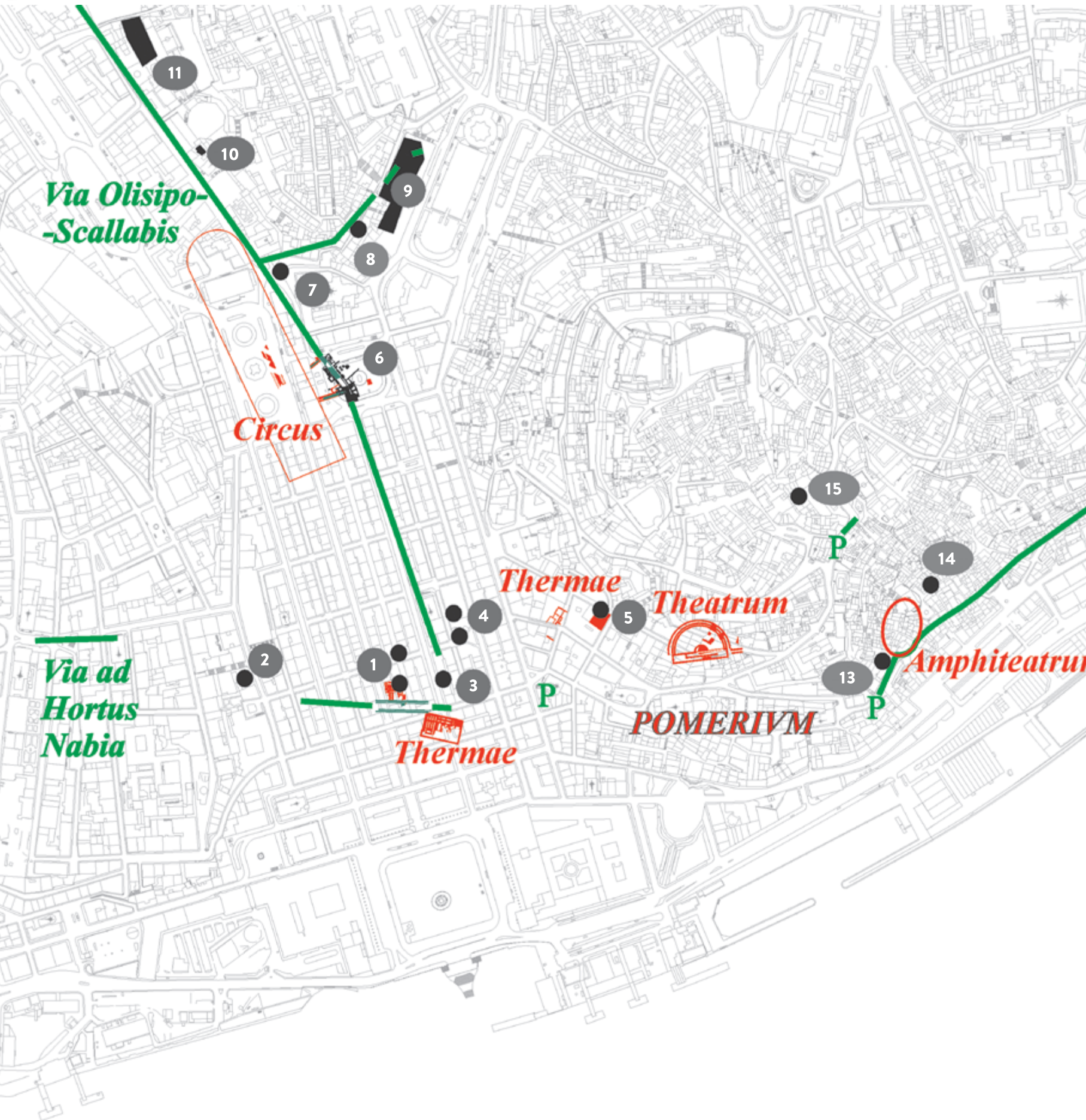
A distribuição das inscrições olisiponenses funerárias denominadas paleocristãs mostra poucas ocorrências, ao contrário da relativa frequência com que surgem elementos de decoração arquitectónica, também descontextualizados (Fernandes e Fernandes,

2014): no Castelo de São Jorge, onde se assinala a sepultura de *Basileus* (nome grego - Guerra, 2006, p. 290); Rua de S. Mamede ao Caldas/Palácio dos Condes de Penafiel, onde se assinalam a sepultura de *Tesso/Tessodis* (nome grego), de um outro indivíduo de que não se descortina o nome (Diogo, 1994), o fragmento de um mosaico preto e branco dos séculos V ou VI d.C., que constituiria parte da tampa de um sarcófago de que resta somente (*req*)V[i]EV(*it*) (= aqui jaz; seg. Caetano, 2006, p. 27; peça infelizmente perdida ?), deixando de parte uma outra inscrição pétrea, todavia provavelmente não funerária, que ostenta o numeral VI entre duas linhas horizontais bem gravadas (inédita) e um pequeno fragmento de epitáfio com muito pouco desenvolvimento de texto (Diogo e Trindade, 2000); por fim, um *Vincentius* (nome latino) na Praça da Figueira (até agora inédito - ver apartado, neste volume). Do Mosteiro de S. Félix de Chelas conhecemos duas outras inscrições, uma comemorando a deposição de santos e outra respeitante à sepultura de *Marturius* (nome latino), ambas de há muito conhecidas mas infelizmente em paradeiro desconhecido: a revisão recente da data patente na segunda inscrição, de 703 da Era de César/665 d.C. (Barroca, 2000; Dias e Gaspar, 2006) para 609 da Era de César/561 d.C. (Silva e De Man, 2015; De Man e Silva, 2016 e Fernandes e Fernandes, 2020, p. 231, neste caso ignorando toda a bibliografia anterior), dado se fazer uso nela de um <epise-mon> (símbolo grego que vale seis), como já antes verificado em Lisboa na inscrição do Castelo de São Jorge de *Basileus* (Guerra, 2006, p. 290), fora, afinal, de há muito assinalada por Joaquín M. de Navascués (1951, pp. 30-33, n.º 1 *apud* Guerra, 2006, p. 294, nota 36) mas passara despercebida.

O corpus das inscrições pouco nos ajuda a definir a topografia histórica funerária dos séculos V a VI d.C. Mas comprova-nos estarmos perante soluções muito bem



12



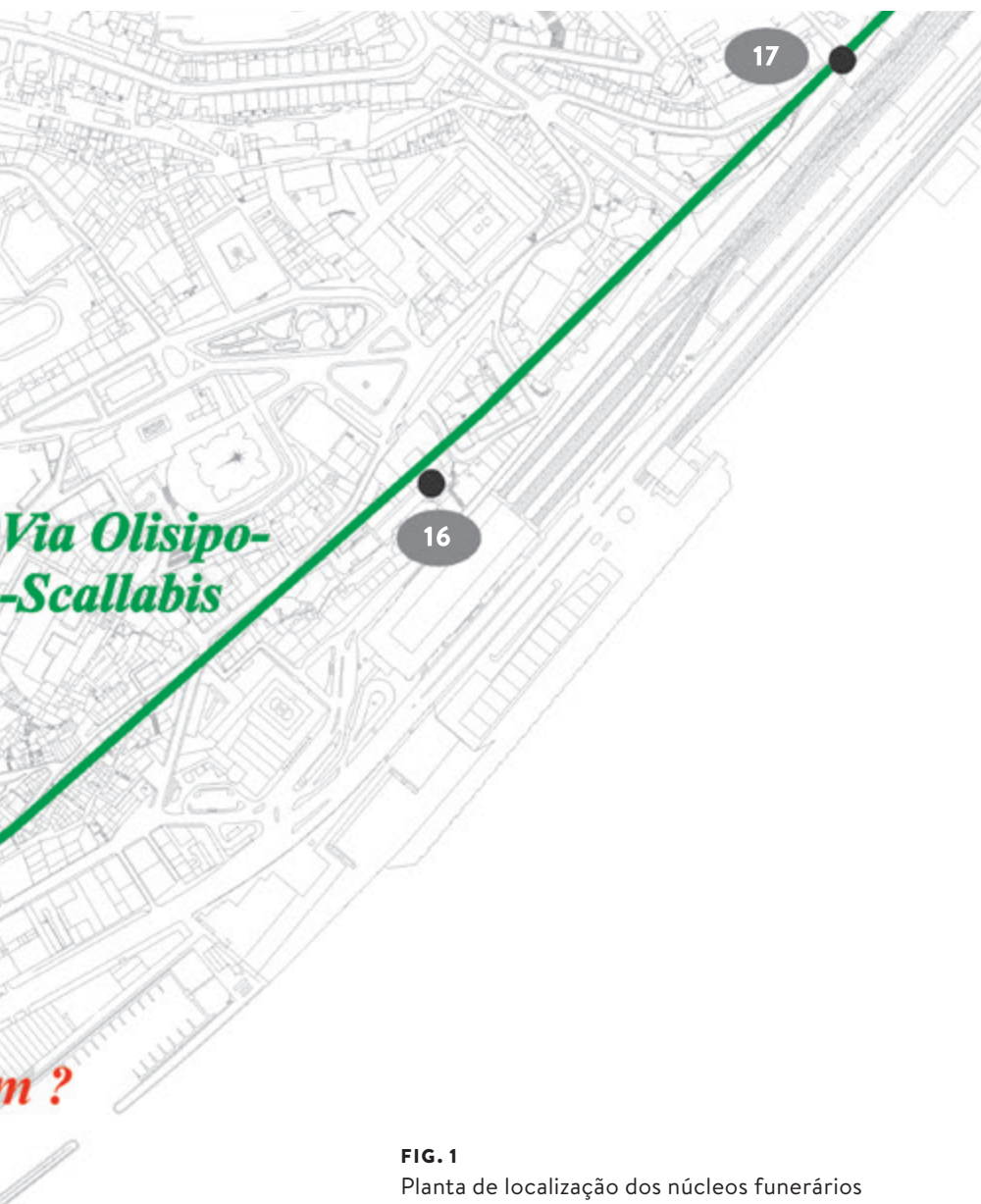


FIG. 1
Planta de localização dos núcleos funerários olisiponenses.

- 1 Rua dos Correeiros
- 2 Rua Nova do Almada
- 3 Rua da Prata
- 4 Rua de S. Nicolau/Corpus Christi
- 5 Palácio dos Condes de Penafiel-Jardim
- 6 Praça da Figueira
- 7 Largo de São Domingos
- 8 Calçada do Garcia
- 9 Encosta de Sant'Ana
- 10 Rua das Portas de Santo Antão
- 11 Calçada do Lavra
- 12 Rua de Santa Marta
- 13 Rua da Adiça-Alfama
- 14 Beco da Cardoso-Alfama
- 15 Fundação Ricardo Espírito Santo Silva
- 16 Rua do Paraíso
- 17 Travessa de Lázaro Leitão

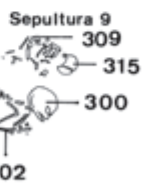
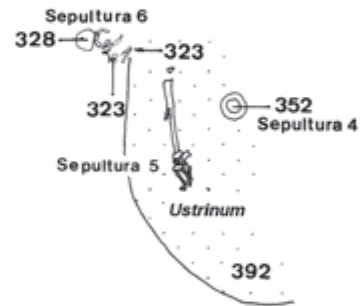
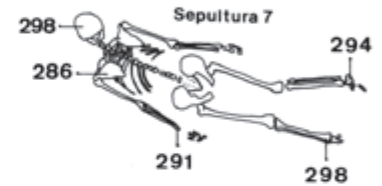
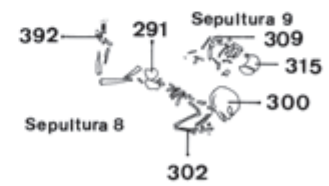
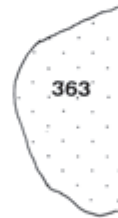
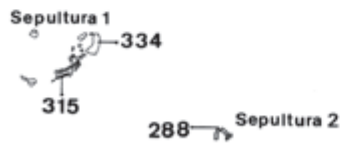
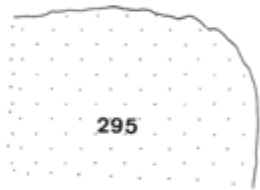
representadas noutras cidades lusitanas e galaicas, de que se destacam com expressão monumental Mérida e, sobretudo, Mértola (Lopes, 2013).

No momento despontam apenas os estudos sobre a fisionomia da *Olisypona* da Antiguidade Tardia. Estamos mais distantes da visão do arquétipo de cidade tardo-antiga polinucleada e de centro vazio, há quase 100 anos definida por Henri Pirène (1962). Ela tem, porém, a sua quota-parte de fundamento em Lisboa, nos casos de Chelas ou de Santos-O-Velho, núcleos claramente periféricos. O panorama é porém distinto, pois no centro os dados arqueológicos apontam para um período de notória vitalidade nos finais do século V e até ao terceiro quartel do século VI d.C., vigor que não é apenas comercial como se expressa também na pressão urbanística patente na ocupação de antigas áreas devolutas (Teatro Romano, Termas dos Cássios) e na amortização e privatização de espaços públicos (via romana da Sé) praticadas intra-muros ou na sua vizinhança (Quaresma e Silva, 2019; Fernandes e Fernandes, 2020). E os indicadores proporcionados pela geografia da dispersão dos elementos que compunham as arquitecturas sacras sugerem a presença de múltiplos templos cristãos, aventando-se para já a Sé, na área do Castelo de São Jorge (Guerra, 2006), a antiga paroquial de São Mamede (Diogo, 1997; Trindade e Diogo, 1999; Fernandes e Fernandes, 2020) e de São Cristóvão (para síntese destes elementos veja-se Fernandes e Fernandes, 2014, 2020). Será nos seus espaços, quando um dia forem trabalhados, que se fará o essencial da arqueologia funerária dos momentos finais da Antiguidade Tardia olisiponense...



0 1m

→ N



L

+

M

+

N

+

O

+

16

+

17

+

18

+

Rua dos Correeiros: o espaço funerário

ANA MARGARIDA ARRUDA
ELISA DE SOUSA
JACINTA BUGALHÃO
RODRIGO BANHA DA SILVA
CIDÁLIA DUARTE

Ao contrário do que ocorre para períodos anteriores, o horizonte funerário de época romana encontra-se bastante bem caracterizado em *Felicitas Iulia Olisipo*. As necrópoles da fase alto imperial, como evidenciado em outras contribuições neste mesmo volume, assumem, em vários casos, um carácter monumental que ilustra o elevado *status* político, social e económico dos habitantes desta cidade lusitana.

Ainda assim, para os momentos iniciais desta etapa de maior esplendor, os dados arqueológicos não abundam, com a notável excepção dos vestígios identificados na área da actual Rua dos Correeiros, na Baixa Pombalina.

Na sequência de várias campanhas de escavação que tiveram lugar no edifício do então Banco Comercial Português, durante a década de 90 do século passado, tornou-se possível identificar e registar uma longa e complexa sequência de ocupações antigas desse espaço, que remontam a meados do 1.º milénio a.C. e se prolongam, de forma praticamente ininterrupta, até à actualidade (Bugalhão, 2001).

Aos vestígios da Idade do Ferro, datados do século V e início do século IV a.C. (Sousa, 2014), segue-se um hiato ocupacional que se prolonga até ao período romano-repúblicano, e que se caracteriza pela formação de uma praia estuarina (Costa *et al.* 2018), com

camada de areia de espessura variável, que foi detectada numa extensão de, pelo menos, 60 m² dentro do espaço intervencionado.

É justamente nessa camada que se conservaram os mais antigos vestígios funerários de época romana conhecidos, até ao momento, na área urbana de Lisboa. Estes correspondem, no total, a nove sepulturas (FIG. 1) que, apesar do seu número reduzido, apresentam uma série de características que justificam o seu carácter singular (Bugalhão *et al.*, 2013).

A maioria dos indivíduos corresponde a crianças, três das quais (sepultura 2, 6 e 9) nados-mortos ou falecidas pouco após o nascimento, outra com idade entre os dois e os quatro anos (sepultura 1) e uma outra com cerca de oito anos (sepultura 3). Em todos os casos, o ritual utilizado foi a inumação, tendo os cadáveres sido depositados em fossas simples escavadas no referido nível arenoso, destacando-se apenas o último caso

FIG. 1

Localização e planta da área funerária da Rua dos Correeiros (segundo Bugalhão *et al.*, 2013).

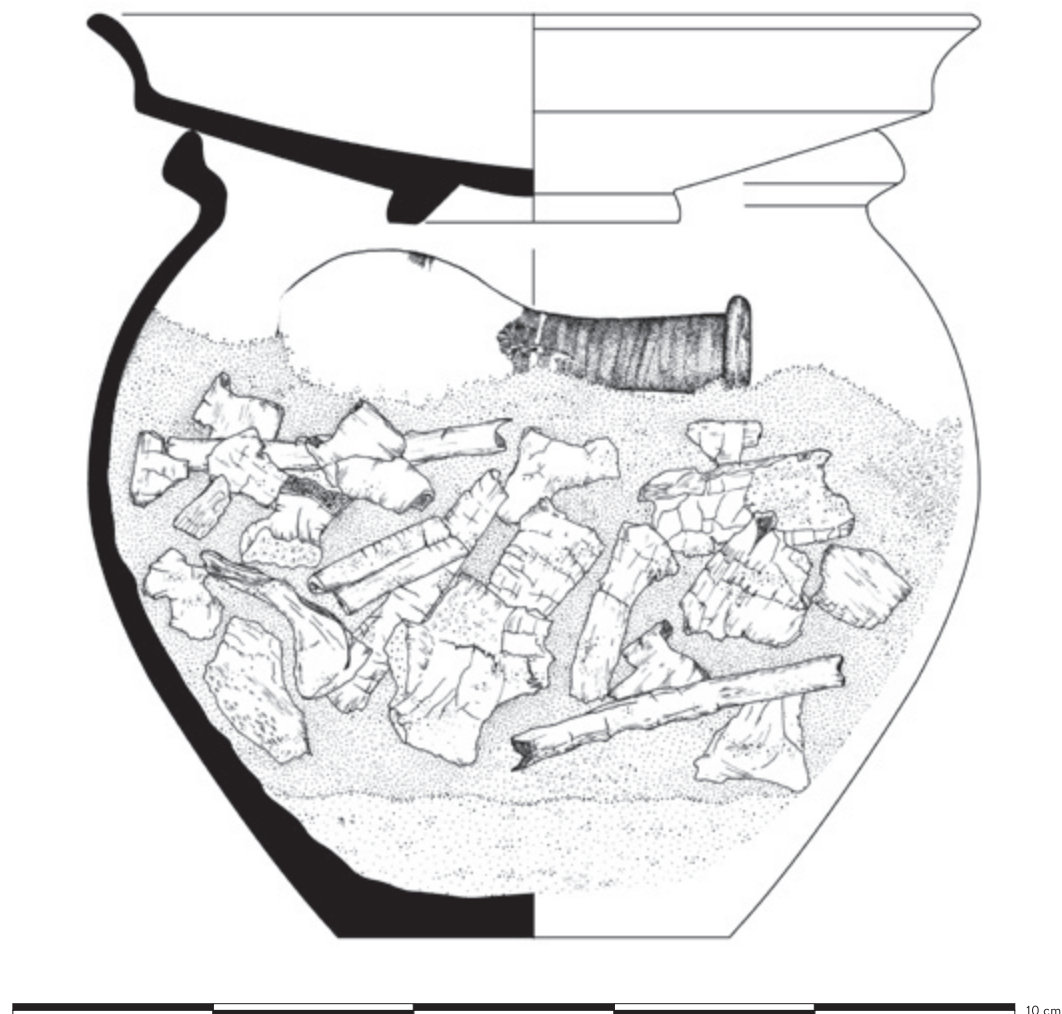


FIG. 2
Urna cinerária da sepultura 4 (desenho de Margarida Monteiro).

(sepultura 3) pelo *imbrex* que cobria os restos osteológicos.

Um outro indivíduo (sepultura 8), também ele inumado, corresponde a um jovem com cerca de 15 anos, possivelmente do sexo feminino, devendo mencionar-se os três tijolos de adobe que foram empilhados, ainda que de forma pouco cuidada, sobre a zona do crânio.

Os restantes três enterramentos são de indivíduos adultos. Dois destes foram também inumados, correspondendo a um homem, com cerca de 20 anos (sepultura 5), e a uma mulher de idade mais avançada, entre os 50 e os 60 anos (sepultura 7). O terceiro, do sexo masculino (sepultura 4), corresponde à única cremação em urna detectada durante

os trabalhos arqueológicos (FIG. 2), ainda que este ritual fosse, provavelmente, muito mais comum no quadro das práticas funerárias da cidade.

Com efeito, e apesar de as inumações prevalecerem sobre as cremações, as escavações na Rua dos Correeiros permitiram a identificação de uma série de zonas de combustão, de formato circular, caracterizadas pela presença abundante de carvões de origem vegetal, cinzas e até ossos calcinados, e que poderão ter sido utilizados quer como *ustrina* para queimar os cadáveres (Bugalhão *et al.*, 2013), quer como espaços sepulcrais primários (de tipo *busta*). Estes vestígios foram detectados a cotas diversas, com variações até um metro, indicando

um uso relativamente prolongado desta área, o que, aliás, é corroborado pela cronologia dos diversos materiais recuperados.

Apesar das restantes construções de época antiga e do próprio dinamismo urbano ininterrupto subsequente não permitirem reconhecer a dimensão integral deste espaço funerário, este terá tido seguramente uma extensão bem mais ampla, como sugere a descoberta de uma outra cremação depositada em urna, com unguentário associado e protegida por fragmentos cerâmicos, numa área mais a norte da actual Rua dos Correeiros (Silva, 1999, 2005). Neste caso específico, assim como na sepultura 8, as valas escavadas para a colocação dos enterramentos atingiram cotas mais profundas, chegando a afectar o topo da estratigrafia pré-romana.

De qualquer forma, a utilização deste espaço funerário terá decorrido num período de cerca de 100 anos, tendo-se iniciado durante a segunda metade do século I a.C. e terminado durante o principado de Cláudio (41-54 d.C.). Os materiais arqueológicos que se podem associar a esta ocupação foram recuperados nos níveis superiores da camada arenosa e junto às já referidas manchas de combustão, uma vez que elementos do espólio funerário propriamente dito são consideravelmente escassos (Bugalhão *et al.*, 2013).

Ainda assim, o conjunto reúne várias peças que estão frequentemente associadas aos espaços de morte, como é o caso de unguentários cerâmicos (FIG. 3), utilizados como contentores de perfumes ou de outras substâncias aromáticas. Estas peças, caracterizadas pelo seu perfil globular, e frequentes durante o período cronológico assinalado, são numerosas entre o espólio recuperado, podendo ter sido usadas como parte dos rituais fúnebres e, em pelo menos dois casos, como oferendas votivas, considerando a sua colocação no interior das urnas cinerárias. Outros materiais, como é o caso de vasos destinados ao consumo de

líquidos e outros alimentos, entre os quais se destaca a cerâmica de paredes finas e a *terra sigillata*, podem, por sua vez, resultar de práticas de comensalidade celebradas por ocasião das cerimónias fúnebres. Grande parte destes materiais são peças importadas, concretamente da Península Itálica, ainda que algumas outras sejam de produção mais ocidental, com origem na Gália Narbonense, na Bética e na capital lusitana, Mérida. O conjunto exumado integra ainda cerâmicas de uso comum, de diferentes morfologias e, consequentemente, destinadas a várias funcionalidades. Enquanto que os vasos de maior dimensão terão sido usados sobretudo como urnas cinerárias, como evidenciam, aliás, as duas cremações identificadas, recipientes de tipo prato podem ter funcionado como tampas dessas mesmas urnas (como se verifica na sepultura 4), ou então como elementos utilizados durante os banquetes funerários (Bugalhão *et al.*, 2013). Resta ainda referir que, neste grupo de cerâmicas de uso comum, registam-se vários exemplares de cozedura redutora, com pastas e superfícies acinzentadas, que se integram nas tradições da Idade do Ferro das comunidades da área do Tejo, e que mostram a sua perduração durante a fase de ocupação romana. No entanto, o facto de várias destas peças procurarem emular algumas formas do serviço de mesa itálico é uma evidência da adaptação dessas mesmas tradições a um novo contexto político, social, económico e também ideológico. Por último, referira-se a recolha de alguns fragmentos de cerâmica de iluminação (lucernas), um bico provavelmente pertencente a um jarro, e um fragmento de vidro, possivelmente de um vaso destinado também ao serviço de líquidos. Nestes casos, é difícil atribuir o papel que estas peças desempenharam neste contexto, podendo corresponder quer a elementos usados nos rituais funerários, quer a oferendas (Bugalhão *et al.*, 2013). Ao nível do



material metálico, refira-se a recolha numa das zonas de combustão, de uma quantidade significativa de pequenos pregos ou tachas de ferro, com as pontas das hastes dobradas, que podem ter pertencido a algum tipo de calçado, correspondendo assim a *clavicaligarii*.

Um dos aspectos mais interessantes do espaço funerário documentado na Rua dos Correeiros é, porém, a ausência generalizada de espólio associado directamente aos enterramentos. Com a excepção dos dois unguentários (um recolhido no interior e o outro nas proximidades das respectivas urnas cinerárias), e que são inequivocamente oferendas, apenas em dois casos se identificaram elementos de adorno. Na sepultura 8, a jovem defunta com cerca de 15 anos de idade ostentava num dos dedos um anel de bronze, sendo a mesa de metal férreo, conservando ainda parte da pedra original, de âmbar ou de cornalina. Na sepultura 7, de uma mulher de idade avançada, foram recolhidas diversas contas de pasta vítrea, possivelmente elementos de um colar (FIG. 4).

Esta situação coincide também com a simplicidade das estruturas funerárias propriamente ditas, que correspondem a meras fossas escavadas na areia, e cujos contornos nem sempre foram fáceis de identificar (Bugalhão *et al.*, 2013).

A ausência sistemática de espólio nas sepulturas, a sua simplicidade, a predominância das inumações e a distribuição etária dos indivíduos são, assim, os aspectos mais emblemáticos do espaço funerário da Rua dos Correeiros, cuja interpretação conjunta permite uma leitura mais aprofundada deste espaço.

Ainda que a convivência dos rituais de inumação e cremação esteja relativamente bem atestada no horizonte funerário romano,

em particular no Ocidente (Vaquerizo Gil, 2007b), a predominância do primeiro na Rua dos Correeiros poderá estar relacionada com o carácter singular desta área e com os indivíduos que nela foram enterrados. Com efeito, a grande maioria das sepulturas identificadas (cinco) correspondem a neo-natos ou crianças de pouca idade, nenhuma das quais com espólio associado. O ritual é, de certa forma, homogéneo, sendo os corpos depositados em posição semi-flectida, mas a própria orientação dos esqueletos é bastante diversificada, o que indica a falta de critérios pré-definidos na sua colocação (Bugalhão *et al.*, 2013).

Esta situação está provavelmente relacionada com o diminuto, ou mesmo inexistente, estatuto social conferido a estes indivíduos não só no seio do mundo romano, mas também em várias outras esferas culturais da Antiguidade, que se reflete, no horizonte funerário, na simplicidade dos rituais e das oferendas. Só a partir dos sete anos de idade é que se assumia o desenvolvimento de um pensamento racional e, consequentemente, uma integração efectiva do indivíduo no tecido social (Harlow, Laurence e Vuolanto, 2007). A utilização de ritos funerários distintos para enterramentos de crianças de pouca idade é, inclusivamente, referida nas fontes latinas, estando também testemunhada no próprio registo arqueológico. Autores como Plínio (*N.H.*, VII, 15) e Juvenal (*Sat.*, XV, 139-140) indicam de forma bastante clara que a cremação não seria considerada a prática mais apropriada para este grupo etário, ainda que excepções estejam amplamente documentadas (Lillo Carpio, 2001-2002; Carrol, 2011; Pereira, 2018). Contudo, estas normas culturais poderiam explicar a predominância de inumações no núcleo da Rua dos Correeiros, que poderia ser assim considerada como uma zona mais especializada, mas não exclusiva, para

FIG. 3

Unguentários cerâmicos da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas).



FIG. 4

Contas de colar da sepultura 7 (fotografia de José Paulo Ruas).

enterramentos de classes etárias inferiores, sendo relevante recordar que a taxa de mortalidade infantil seria, na altura, consideravelmente elevada (Hopkins, 1966; Garnsey, 1998).

A identificação de outros quatro enterramentos, três dos quais também inumados, indica que este espaço poderia ser uma área periférica de um espaço sepulcral de maiores dimensões. Cabe, contudo, recordar que, também nestes casos, o espólio associado é praticamente inexistente, com a excepção do anel e do eventual colar, já referidos, indicando um estatuto económico pouco significativo destes indivíduos e, possivelmente, a sua localização no espaço sepulcral. Interessante, neste contexto, é realçar a situação da sepultura 7 (FIG. 5), de uma mulher de idade avançada (entre os 50 e os 60 anos) que terá sido enterrada intencionalmente com a face voltada para baixo, e com o corpo em extensão, e não em posição flectida, como nos outros casos. Trata-se do único caso em que foi possível identificar

um trauma evidente nos restos osteológicos, uma fractura craniana *ante mortem*, efectuada sob pressão, ainda que não tenha sido possível relacioná-la, de forma inequívoca, com a causa da morte. A ausência de cuidados rituais desta deposição confere a este enterramento um carácter singular, ao qual terá sido, por uma qualquer razão, negado os ritos tradicionais, culminando na sua colocação numa área aparentemente periférica da necrópole romana (Bugalhão *et al.*, 2013).

Assim, é possível que este espaço funerário detectado na Rua dos Correeiros seja uma extensão de um espaço sepulcral mais amplo, que provavelmente se desenvolveria para norte, onde se encontram os enterramentos mais típicos deste período (cremações em urna). Seria, assim, talvez uma área mais especializada dentro do espaço funerário para a deposição de crianças e jovens, e talvez também para indivíduos com um *status* social diminuto ou a quem, por alguma razão, teria sido negado um enterramento apropriado

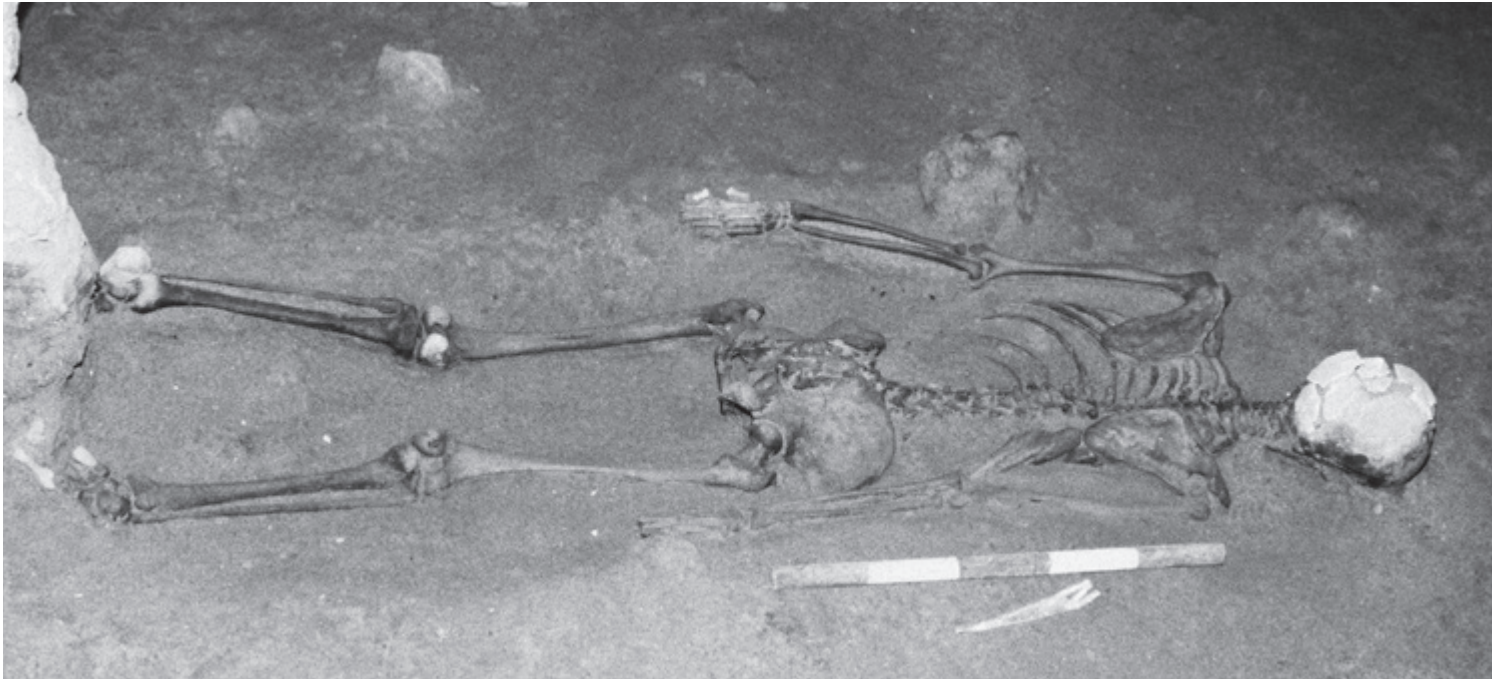


FIG. 5
Sepultura 7 (segundo Bugalhão *et al.*, 2013).

para cidadãos, situação que tem sido também reconhecida noutras cidades romanas peninsulares, como é o caso de Valência (García Prósper, Polo Cerda e Guérin, 2002-2003) ou Córdova (Vaquerizo Gil, 2001a), entre outros.

Ainda assim, a geografia da sua implantação cumpre os cânones típicos do mundo romano, estando localizada num espaço exterior ao núcleo urbano, que se desenvolveria sobretudo na colina sul do Castelo de São Jorge. A zona baixa e litoral da Rua dos Correeiros seria, muito provavelmente, uma zona de praia formada, como já anteriormente referido, durante os trezentos anos precedentes (Bugalhão, 2001).

Resta, por fim, referir que esta localização do espaço funerário até aos meados do século I poderá ter respeitado, de certa forma, antigas tradições dos habitantes de *Olisipo*. Apesar de não se conhecer a localização exacta do espaço funerário de época pré-romana, a identificação de uma estela funerária durante as intervenções arqueológicas efectuadas nos armazéns Sommer (Neto *et al.*, 2016) pode indicar que estas zonas mais baixas e litorais da colina do Castelo de São

Jorge poderiam ter sido o espaço preferencial de manifestações funerárias anteriores.

O abandono da necrópole romana da Rua dos Correeiros terá ocorrido em torno ao final do principado de Cláudio, coincidindo, *grosso modo*, com o início do uso de outros espaços de morte, como o localizado na zona da actual Praça da Figueira (Silva, 1999; Vieira, 2011; Bolila, 2011). Ainda que não seja possível determinar que a necrópole da Rua dos Correeiros e espaço envolvente fosse o único núcleo funerário da cidade de Lisboa até ao principado de Cláudio, é plausível admitir, a partir desta altura, a transferência dessas funções para as zonas mais interiores de *Olisipo*, adquirindo, simultaneamente, uma considerável visibilidade e monumentalidade.

Este processo de transladação está, muito provavelmente, relacionado com alterações e reestruturações do próprio espaço urbano, que irão justificar a transformação da zona da actual Baixa Pombalina em centros suburbanos destinados à produção haliêutica como, aliás, se manifesta na evolução da ocupação da própria Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001).

Referências

- Alarcão, J.; Delgado, M. (1969) - *Catálogo do Gabinete de Antiguidades e Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa. Antiguidades Ibéricas e Romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Alarcão, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. V. La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A.M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1996) - Os círculos culturais da 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F.; Encarnação, J. de, eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 19-36.
- Almagro, M. (1955)- *Las necrópolis de Ampúrias*, vol. II. *Necrópolis Romanas y Necrópolis Indígenas* (Monografías Ampuritanas; 3). Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, Departamento del Instituto «Rodrigo Caro» de Arqueología y Prehistoria de Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Almeida, J. M.; Ferreira, F. B. (1965) - Varia Epigraphica (Nova Série). *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento. 75, pp. 82-109.
- Alves-Cardoso, F.; Ramos, A.; Gomes, C. L.; Santos, C.; Pardo, E. A.; Assis, S.; Minhós, T. (2016) - Genetics in Anthropology. In Barbaro, P., ed.- *Ethnology, Ethnography and Cultural Anthropology. Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS), Developed under the Auspices of the UNESCO*. Oxford: Eolss Publishers. Disponível em WWW: (URL:<http://www.eolss.net>).
- Alves-Cardoso, F. (2018) - Palaeopathology. In López Varela, S. L., ed. - *The SAS Encyclopedia of Archaeological Sciences*. [S.l.]: Wiley-Blackwell. Disponível em WWW: (URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119188230.saseas0437>).
- Alves-Cardoso, F.; Morrone, A.; Casimiro, S.; Rosa, C. (2018) - *O Que de Nós Perdura / What of Us Endures*. [Consult. em 22 Nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL:<https://www.youtube.com/watch?v=-oGiZjAV-vo&feature=youtu.be>).
- Amaro, C. (1986) - Casa dos Bicos, notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 6, pp. 96-111.
- Andrade, C. (2001) - *Reconstituição do enchimento do esteiro da Baixa de Lisboa, estuário do Tejo. Relatório final, Praxis XXI, Projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico – ciências da Terra e do espaço [contrato PRAXIS/PCNA/C/CTE/9/96]*. Lisboa: Centro de Geologia da Universidade de Lisboa.
- Angelucci, D. E. (2003) - A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In Mateus, J.; Moreno-García, M., eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura* (Trabalhos de Arqueologia; 29). Lisboa: IPA [ISBN 972-8662-13-0], pp. 35-84.
- Angelucci, D. E. (2004) - Estudos de Geoarqueologia na Encosta de Santana. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 62.
- Angelucci, D. E. (2008) - Geoarchaeological insights from a Roman age incineration feature (*ustrinum*) at Enconsta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 35, pp. 2624-2633. [DOI: 10.1016/j.jas.2008.04.020].
- Angelucci, D. E.; Costa, C.; Muralha J. (2004) - Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa): Considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7 (2), pp. 27-47.
- Antunes, A. S.; Manso, C.; Oliveira, J. M. (no prelo) - Evidências apotropaicas da Idade do Ferro em Lisboa (Portugal): o recipiente com oudjat do Convento de Corpus Christi. In *X Coloquio Internacional del CEFYP. Homenaje al Profesor Jose María Blázquez. Mare Sacrum. Religión, cultos y rituales en el Mediterráneo. Cádiz, San Fernando. 13-15 de Diciembre 2017*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Aquilé, X.; Roca, M. (eds.) (1995)- *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial à la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (Monografies Emporitanes, 8). Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.
- Arnau, B.; García, I.; Ruiz, E.; Serrano, M. L. (2003) - El monumento funerario templiforme de la Plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-196.
- Arruda, A. M. (1999-2000)- *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.C. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um

- novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, 23, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Estuário do Tejo: as duas margens do mesmo rio. In Celestino, S.; Rodriguez, E., eds. - *Território comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago em época tartésica* (Anejos del Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2015) - A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 22, pp. 301-314.
- Arruda, A. M.; Covaneiro, J.; Cavaco, S. (2008) - A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 8, pp. 117-135.
- Arruda, A. M.; Lourenço, P.; Lima, J. (2015) - Bronces fenicios em Portugal: a propósito del hallazgo de um jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In Jiménez Ávila, J., ed. - *Phoenician Bronzes in Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 443-452.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Universidad Autónoma. 42, pp. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Antunes, A. S. (2020) - As origens de Olisipo: uma perspectiva sobre a Idade do Ferro na cidade e seu entorno. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo: O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 80-97.
- Avial-Chicharro, L. (2018) - La medicina romana en Hispania a través de la cultura material. In *III Jornadas de Jóvenes Investigadores en Arqueología*. Madrid: Asociación Jóvenes Investigadores en Arqueología. ¡Excavemos, pp. 400-422.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (846-1422)*. Anexos, Índice, Bibliografia e Estampas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II.
- Barros, P.; Branco, G.; Duarte, C.; Correia, J. (2008) - A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 5, pp. 41-52.
- Baten, J.; Blum, M. (2012) - Growing tall but unequal: New findings and new background evidence on anthropometric welfare in 156 Countries, 1810–1989. *Economic History of Developing Regions*. [S.l.]: Economic History Society of Southern Africa, Routledge, 27 (1), pp. 66-85.
- Bejarano Osorio, A. M. (2015) - *La medicina en la Colonia Augusta Emerita*. (Colección de Estudios Históricos de la Lusitania; 9). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 63, pp. 183-226.
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) - Talleres de lucernas en *Colonia Patricia Cordoba* en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 6, pp. 175-216.
- Blaizot, F.; Tranoy, L. (2004) - La notion de sépulture au Haut-Empire. Identification et interprétation des structures funéraires liées aux crémations. In Baray, L., dir. - *Archéologie des pratiques funéraires. Approches critiques, Actes de la table ronde de Glux-en-Glenne. 7-9 juin 2001* (Bibracte; 9). Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont-Beuvray, pp. 171-187.
- Bolila, C. (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Bonifay, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (British Archaeological Reports, International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Borbonus, D. C. (2014) - *Columbarium tombs and the collective identity in Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowersock, G. W.; Brown, P.; Grabar, O. (2000) - *Late Antiquity: a Guide to Post-Classical World*. Harvard: Harvard University Press, 2nd Ed.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 16, pp. 243-275.
- Bussière, J. (2000) - *Lampes antiques d'Algérie*. (Monographies Instrumentum; 16). Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- Bustamante Álvarez, M. (2012) - Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., coords. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regiona-*

- les. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, pp. 407-433.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M.; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Cabaço, N.; Lourenço, M.; Silva, R. B. (2019) - O compasso do espaço da necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era-Arqueologia. 13, pp. 47-54.
- Caessa, A.; Mota, N. (2011) – 410. Estela funerária do Largo do Contador-Mór, em Lisboa (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 91.
- Caetano, J. C. (2002) - Nécropoles e ritos funerários no Occidente da Lusitania Romana. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001*. Córdoba: Seminario de Arqueologia / Universidad de Córdoba. I, pp. 313-334.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de Felicitas Iulia Olisipo e do seu ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Colibri / Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA. 2, pp. 22-35.
- Campos, R. (2012) – As *cupae* do ager Olisiponense. In Andreu Pintado, J., ed. - *Las cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*. Zaragoza: Fundación Uncastillo, pp. 451-477.
- Campos, R. (2019) - A diversidade dos monumentos epigráficos funerários no ager olisiponensis. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio / Câmara Municipal de Lisboa, pp. 101-117.
- Cardoso, H. F. V.; Garcia, S. (2009) - The Not-so-Dark Ages: Ecology for human growth in Medieval and Early Twentieth Century Portugal as inferred from skeletal growth profiles. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 138 (2), pp. 136-147.
- Cardoso, H. F. V.; Gomes, J. E. A. (2009) - Trends in adult stature of peoples who inhabited the modern Portuguese territory from the Mesolithic to the late 20th century. *International Journal of Osteoarchaeology*. Chichester: John Wiley & Son. 19 (6), pp. 711-725.
- Cardoso, H. F.; Abrantes, J.; Humphrey, L. T. (2014) - Age estimation of immature human skeletal remains from the diaphyseal length of the long bones in the postnatal period. *International Journal of Legal Medicine*. Munique: Springer. 128 (5), pp. 809-824.
- Cardoso, H. F.; Meyers, J.; Liversidge, H. M. (2019) - A reappraisal of developing deciduous tooth length as an estimate of age in human immature skeletal remains. *Journal of Forensic Sciences*. Colorado Springs: American Academy of Forensic Sciences. 64 (2), pp. 385-392.
- Cardoso, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 5, pp. 61-100.
- Cardoso, J. L. (2004) - *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.
- Carrol, M. (2011) - Infant death and burial in Roman Italy. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 24, pp. 99-120.
- Carroll, M. (2018) - *Infancy and Earliest Childhood in the Roman World (a fragment of time)*. Oxford: Oxford University Press.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. (2013) - Enterramentos infantis tardo-antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 859-863.
- Casimiro, C.; Prata, S.; Silva, R. B. (2016) - Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In Inglês, J. L.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gentes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.
- Casimiro, S.; Alves-Cardoso, F.; Silva, R. B.; Assis, S. (2017) - *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole noroeste de *Olisipo*. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1215-1227.
- Castilho, J. (1934) - *Lisboa Antiga. Segunda Parte - Bairros Orientais* (2.ª Ed. anotada por A. A. Vieira da Silva). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, I.
- Chapa Brunet, T. (2001-2002) - La infancia en el mundo ibérico a través de las necrópolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad de Murcia. 16-17, pp. 159-170.
- Christol, M. (2009) - Les cités de droit latin en Gaule méridionale. In Hurlet, F., ed. - *Rome et l'Occident (II siècle av. J.-C.-II siècle apr. J.-C.)*. Gouverner l'Empire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 315-358.

- Correia, V. ([1928] 1972) - Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *Obras. Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. IV, pp. 169-179.
- Costa, C.; Duarte, C.; Muralha, J. (2006) - Associações de restos de *Equus asinus* ao núcleo de necrópole romana da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In Bicho, N., ed. - *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. 14 a 19 de Setembro de 2004*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, pp. 105-116.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Lopes, V.; Bugalhão, J.; Cascalho, J.; Andrade, C.; Rocha, A. (2018) - As praias fluvio-estuarinas da Idade do Ferro e Período Romano da Baixa de Lisboa, Portugal. In Bernardes, J. P.; Etchvarne, C.; Lopes, M. C.; Costa, C., eds. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 256-273.
- Costa, M. C. (2010) - *Redes Viárias de Alenquer e suas Dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- De Man, A. (2008) - *Defesas Urbanas Tardias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Doutoramento).
- De Man, A.; Silva, R. B. (2016) - Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gente, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-65.
- Dias, M. M. A. (1984) - Um epitáfio romano achado em Lisboa. *Euphrosyne - Revista de Filologia Clássica*. Lisboa: Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nova Série. 12, pp. 235-238.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. I. S. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D. (1994) - 284. Fragmento de Sepultura Paleocristã. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1997) - 261. Inscrição paleocristã do Palácio Penafiel, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Anexo de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 56.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - 288. Fragmento de inscrição paleocristã da Rua das Pedras Negras, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 63.
- Dwight, T. (1894) - Methods of estimating the height from parts of the skeleton. *Medical Record*. Washington: Washington Institute of Medicine. 46 (10), pp. 293-296.
- Edmonson, J. (2009) - New light on doctors, medical training and links between *Augusta Emerita* and *Olisipo* in the mid-first century A.D. In *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua: Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 48). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 117-129.
- Encarnação, J.; Fernandes, L. (1997) - Urna cinerária romana da Praça da Figueira. *Olisipo*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. II Série. 5, pp. 15-19.
- Encarnação, J.; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) - 548-550. Inscrições de Olisipo identificadas na "Cerca Velha". *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 131.
- Encarnação, J.; Pina, M. J. (2018) - Pega de cerâmica com o voto VTF. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 169.
- Fabião, C. (1994) - Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope-Ler e Desfazer a História*. Lisboa: Edições Cosmos, Cooperativa Penélope. 13, pp. 147-162.
- Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Fabião, C. (2020) - Em busca do fórum de Olisipo. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-25.
- Faria, A. M. (1995) - Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no actual território português. *Vipasca - Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 4, pp. 89-99.
- Fernandes, L. M. M. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 14, pp. 263-211.
- Fernandes, L. (2020) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo* ou como a cidade se mostrou. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de re-*

- apresentação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 190-213.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. (2020) - Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 215-231.
- Ferreira, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira, em Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional da Educação (manuscrito – exemplar policopiado a partir de microfilme).
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. - *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana. Tarragona. 10-13 de diciembre de 2014 (Monografías Ex Officina Hispana; III). Tarragona: SECAH e ICAC - Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 423-445.
- Filipe, V. M. S. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica: economia e comércio entre a República e o Principado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Filipe, V.; Leitão, M.; Leitão, V.; Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R. (2020) - As muralhas de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fabião, C., coord. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 47-71.
- Filipe, V.; Santos, R. (2020) - Banhos termiais na Rua da Adiça, Alfama. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 81-85.
- Fully, G. (1956) - Une nouvelle méthode de détermination de la taille. *Annales de Médecine Légale, de Criminologie et de Police Scientifique*. Paris: Société Française de Médecine Légale. 35, pp. 266-273.
- Garcia, S. (2019) - Crescer na cidade de Leiria na Baixa Idade Média: As evidências osteológicas. *Anais Leirenses - Estudos & Documentos*. Leiria: Hora de Ler. 4, pp. 265-284.
- García Prósper, E.; Polo Cerda, M.; Guérin, P. (2002-2003) - Rituales funerários ibéricos en la necrópolis fundacional de Valencia. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 13-14, pp. 279-310.
- Garnsey, P. (1998) - Child rearing in ancient Italy. In Scheidel, W., ed. - *Cities, Peasants and Food in Classical Antiquity: Essays in Social and Economic History*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 253-271.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Guerra, S.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Valongo, A.; Pinto, P. (2003) - Castelo de São Jorge: Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa: IGESPAR. 4, pp. 214-223.
- Gomes, F. B. (2013) - Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/CEFYP. 6, pp. 77-94.
- Gomes, F. B. (2016) - *Contactos Culturais e Discursos Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Gonçalves, D. (2007) - *Funus. Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A.; Angelucci, D. (2010) - The Roman Cremation burials of Encosta de Sant'ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 13, pp. 125-144.
- González Villaescusa, R. (2001) - *El mundo funerário en el País Valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre los siglos I a. de C. y VII d. de C.* Madrid e Alicante: Casa de Velasquez, Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- Gowland, R. L.; Chamberlain, A.; Redfern, R. C. (2014) - On the brink of being: Re-evaluating infanticide and infant burial in Roman Britain. In Carroll, M.; Graham, E.-J., eds. - *Infant Health and Death in Roman Italy and Beyond* (Journal of Roman Archaeology Supplementary Series; 96). Durham: Durham University Library, pp. 69-88.
- Guerin, P.; Martínez Valle, R. (1987-1988) - Inhumaciones infantiles en poblados ibéricos del área valenciana. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 21, pp. 231-265.
- Guerra, A. (2003) - Algumas notas sobre o Mundo Ru-

- ral do Território Olisiponense e as suas Gentes. In Santos, A. R.; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Resende, T.; Guerra, A., eds. - *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, pp.123-150.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra, A.; Reis, S. H. (2018) - Ser médico e aprender medicina na Lusitânia romana. *Cuadernos de Arqueología*. Pamplona: Universidad de Navarra. 26, pp. 19-48.
- Guerra, A. (2019) - Onomástica, realidade social e vida pública em *Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 12-29.
- Guerra, S.; Sousa, E. (no prelo) - Intervenções no Largo de Santa Cruz do Castelo 6-7: dados preliminares sobre a ocupação da Idade do Ferro.
- Gusi, F.; Muriel, S. (2008) - Panorama actual de la investigación de las inhumaciones protohistóricas del sudoeste mediterráneo europeo. Nasciturus, Infans, Puerulus vovis mater terra. In Gusi, F.; Muriel, S.; Olaria, C., eds. - *Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media*. Castelló: Diputación de Castelló, pp. 257-329.
- Han, S.; Betsinger, T. K.; Scott, A. B. (2017) - *The anthropology of the fetus: Biology, culture and Society*. New York: Berghahn.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Harlow, M.; Laurence, R. (2001) - *Growing up and growing old in ancient Rome. A life course approach*. London: Routledge.
- Harlow, M.; Laurence, R.; Vuolanto, V. (2007) - Past, present and future in the study of Roman childhood. In Crawford, S.; Shepherd, G., eds. - *Children, childhood and society* (BAR International Series; 1696). Oxford: Archaeopress, pp. 5-14.
- Henderson, C., Alves Cardoso, F., eds. (2018) - *Identified Skeletal Collections: the testing ground of anthropology?* Oxford: Archaeopress.
- Hilts, C. (2016) - The fragrant dead. How to treat your dead, the Roman way. *Current Archaeology*. [S.l.]: Current Publishing, 312. Disponível em WWW: (URL: <https://www.archaeology.co.uk/articles/features/the-fragrant-dead-how-to-treat-your-dead-the-roman-way.htm>) [Consultado em 17/10/2020].
- Hope, V. M. (2007) - *Death in Ancient Rome (a source-book)*. Oxford: Routledge.
- Heleno, M. (1965) - A estação lusitano-romana da Praça da Figueira. *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. 4, pp. 305-308.
- Isings, C. (1959) - *Roman glass from dated finds* (col. Archaeologia Traiectina; II). Groningen e Jacarta: Academiae Rheno - Traiectinae Instituto Archaeologico
- Hopkins, K. (1966) - *On the probable age structure of the Roman population*. *Population Studies*. Oxford: Taylor & Francis Ltd. 20 (2), pp. 254-64.
- Isings, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: J. B. Walters, (Archeologica Traiectina edita ab Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico).
- Jiménez, A. (2008) - Roman Settlements / Punic Ancestors. Some Examples from the Necropoleis of Southern Iberia. *Bolletino di Archeologia online. International Congress of Classical Archaeology - Meetings between in the Ancient Mediterranean*. Roma: Ministerio per I Beni e le Attività Culturali, Direzione Generale per le Antichità. Volume especial, pp. 25-43.
- Jiménez Ávila, J. (2002) - *La touréutica orientalizante em la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Kalb, P.; Höck, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série 2. 2-3, pp. 61-69.
- Leisner, V.; Schubart, H. (1966) - Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archaeologisches Institut. 7, pp. 9-47.
- Lamelas, I. P.; Gonçalves, J. A. (2020) - *Potâmio de Lisboa. Escritos*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Leitão, M.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2020) - *Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de spolia na Antiguidade Tardia: o caso do troço de muralha da Casa dos Bicos (Lisboa, Portugal)*. In Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J., eds.- *Exemplum et Spolia la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (col. Mytra, Monografías y Trabajos de Arqueología; 7). Mérida: Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura. II, pp. 769-777.
- Lelekovic, T. (2012) - Cemeteries. In Migotti, B., ed. - *The Archaeology of Roman Southern Pannonia. The state of research and selected problems in the Croatian part of the Roman province of Pannonia* (BAR International Series; 2393). Oxford: Archaeopress, pp. 313-357.
- Lillo Carpio, P. (2001-2002) - Notas acerca de la incineración. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad. 17-18, pp. 127-146.
- Loja, S.; Quaresma, J. C.; Cabaço, N.; Lourenço, M.;

- Casimiro, S.; Silva, R. B.; Alves-Cardoso, F. (2020) - O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1347-1359.
- Lopes, V. A. M. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidad de Huelva (Dissertação de Doutoramento).
- López Melero, R. (1997) - Enterrar en Urso (*Lex Ursonensis* LXXIII-LXXIV). *Studia de Historia Antigua*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 15-16, pp. 105-118.
- Mantas, V. G. (1994) - Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 70-75.
- Martin Ruiz, J. A. (2009) - Estelas funerárias fenícias en Andalucía. *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ CEFYP. 2, pp. 41-49.
- Martínez Pérez, M. A. (2015) - Monumentos funerarios romanos en la Comunidad Valenciana. Tipos y ejemplos más destacados. *ArqueoWeb*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 16, pp. 102-123.
- Mendonça, M. C. (2000) - Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 112 (1), pp. 39-48.
- Moita, I. (1968) - Achados de época romana no sub-solo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-71.
- Moita, I. (1994) - *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Expo '98, Lisboa '94, Livros Horizonte.
- Morillo Cerdán, A. (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- Morris, I. (1992) - *Death-ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mota, N.; Carvalinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M.; Prata, S., eds. - *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval* (Coleção Estudos; 18). Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-535.
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) - Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martin Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 11, pp. 245 -246.
- Muralha, J.; Costa, C. (2004) - *Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz - Lisboa). Relatório da Escavação arqueológica*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado).
- Navascués, J. M. (1951) - *La era “...as”*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 19, pp. 123-128.
- Nolen, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- Olivier Foix, A.; Gómez Bellard, F. (1989) - Nuevos enterramientos infantiles ibéricos de inhumación. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló: Diputació de Castelló. 14, pp. 51-61.
- Ortner, D. J. (2003) - *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego: Academic Press.
- Osuna, A. R. (2009) - *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus. Tesis doctoral – Universidad de Córdoba*. Córdoba: Universidad de Córdoba.
- Padez, C. (2007) - Secular trend in Portugal. *Journal of Human Ecology*. Delhi, India: Kamla-Raj. 22 (1): pp. 15-22.
- Peña, J. T. (2007) - *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge.
- Pereira, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Pereira, C. (2018) - *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (O Arqueólogo Português, Série Suplementos; 9). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.
- Pereira, M. A. H. (1975) - Objectos Egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 14, pp. 173-175.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8 (2), pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Guapo, A. R.; Luna, I.; Robalo, C. (2020) - A Necrópole Pré-Romana da Berbelita, Alenquer. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Série II. 23, pp. 26-33.

- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal. 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Sousa, E.; Arruda, A. M. (2020) - O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, pp. 6-31.
- Pirenne, H. ([1927] 1962) - *As cidades na Idade Média*. Lisboa: Ed. Europa-América.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - The 3rd century AD in motion: new proposals on morphologic-and-chronological lamps evolution (Disc-type, Dressel 28, Dressel 27, Dressel 30 and Disc-type derived). In *Terracota lamps in Archaic, Classical, Hellenistic, Roman and Early Byzantine Anatolia: production, use, typology and distribution. An international symposium. May 16-17, 2019, Izmir, Turkey*. Izmir: Izmir Center of the Archaeology of Western Anatolia.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) - Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium). *Pyrenae*. Barcelona: Universidad de Barcelona. 48.2, pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) - An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades NOVA/FCSH. 2nd Series. 1, pp. 82-103.
- Rebelo, P.; Peça, P. (no prelo) - Intervenção arqueológica na Calçada do Lavra: dinâmicas de ocupação do espaço. Abordagem preliminar à necrópole romana. In Antunes, A. S.; Nozes, C.; Carvalhinhos, M.; Leitão, V., eds. - *Atas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em meio urbano*. Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL.
- Rémy, B. (1998) - Les élites locales et municipales de la colonie de Vienne au Haut-Empire. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles: L'Antiquité Classique. 67, pp. 77-120.
- Ribeiro, J. C. (1989-1990) - Romanização e romanidade na «Zona Oeste» do município olisiponense. *Jornal de Sintra*. Sintra: Jornal de Sintra-Semanário Regional Independente, 27/10/89 a 23/3/90.
- Ribeiro, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a Série. 3 (Especial Arqueologia na Região de Lisboa), pp. 75-95.
- Rocha, A. S. (1975) - *A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafim. Memórias e Explorações Arqueológicas* (Memórias sobre a Antiguidade; 3) Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 127-141.
- Ruiz Val, E.; Serrano Marcos, M. L.; Arnau Davó, B.; García Villanueva, M. I. (2003) - El monumento funerario templiforme de la plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum - Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-195.
- Rütti, B. (1991) - *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln* (col. Forschungen in Augst; 13/2). Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.
- Santos, B. S.; Pereira, S. S.; Silva, R. B.; Casimiro, S.; Detry, C.; Alves-Cardoso, F. (2020) - Ritual, descarte ou afetividade? A presença de «*Canis lupus familiaris*» na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1457-1466.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Santos, F. J. C.; Carvalho, P. C. (2008) - Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 47, pp. 127-143.
- Scheuer, L.; Black, S. (2000) - *Developmental juvenile osteology*. London: Elsevier.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1 - *A terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 401-414.
- Serrão, E. da C. (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão, Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Serrão, E. da C. (1974) - A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1, pp. 129-142.
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo - subsídios para a história de Lisboa romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Moura*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- Silva, F. C. (2018) - *Mundo funerário romano sob o prisma da cremação. Análise antropológica de amostras Alto-Imperiais da Lusitania*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha". Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997*. Lisboa: Câmara Municipal, DPC/DA, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2002) - As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. In Barros, L. M.; Henriques, F. J. R., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997* (col. Monografias - Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 193-205.
- Silva, R. B. (2005) - As "marcas de oleiro" em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de *Olisipo* (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdú, J. A.; Acero Pérez, J., eds. - *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana. Omenaje a Xavier Dupré Raventós (1956-2006)* (Anexos del Archivo Español de Arqueología; 60). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 201-213.
- Silva, R. B. (2012a) - As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (2012b) - Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. In Pimenta, J., coord.- *Atas da Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga"* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2014) - A intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol: as evidências do período romano. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 3, pp. 178-199.
- Silva, R. B. (2015) - O contexto alto-imperial da rua dos Remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. - *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (col. Monografias da AAP; I). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2018a) - A «via norte» de *Olisipo*: a arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e da dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A. A.; Cameira, I., coords. - *Fragmentos de Arqueologia 2: Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: CML/DMC/DPC/Centro de Arqueologia de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 73-86.
- Silva, R. B. (2018b) - O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de *Olisipo*. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 6, pp. 179-187.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martinez, S., eds. - *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Silves, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Soria, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) - A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia, 50, pp. 57-88.
- Teixeira, S. (2019) - Os grupos servis do município. Origem, funções e ambições. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 70-85.
- Toynbee, J. M. C. (1971) - *Death and Burial in the Roman World*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- Toynbee, J. M. C. (1996) - *Death and Burial in the Roman World* (2.ª Ed.). Baltimore: John's Hopkins University Press.
- Trindade, L.; Diogo, A. M. D. (1999) - 284. Inscrição funerária paleocristã da Rua de São Mamede ao Caldas, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico-Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 62.
- Trindade, L.; Ferreira, O. da V. (1965) - Acerca do Vaso «Piriforme» Tartéssico de Bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 63-64, pp. 175-183.
- Turner-Wilson, A. (2007) - The appearance of health. The symbolic Construction of the healthy body through urban cemetery evidence from Late Iron Age and Early Roman Britain. In Croxford, B.; Ray, N.; Roth, R.; Natalie White, N., eds. - *TRAC 2006*:

- Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Cambridge, 2006.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 103-114.
- Van Driel-Murray, C. (1999) - And Did Those Feet in Ancient Time... Feet and Shoes as a Material Projection of the Self. In Baker, P.; Forcey, C.; Jundi, S.; Witcher, R., eds. - *TRAC 98: Proceedings of the Eighth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Leicester 1998.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 131-140.
- Van Driel-Murray, C. (2016) - 6. Fashionable Footwear: Craftsmen and Consumers in the North-West Provinces of the Roman Empire. In Wilson, A.; Flohr, M., eds. - *Urban Craftsmen and Traders in the Roman World.* Oxford: Oxford University Press, pp. 132-152.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2001a) - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2001b) - Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en Colonia Patricia Corduba. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 74 (183-184), pp. 131-160.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2002) - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007a) - La muerte en la Hispania Romana: ideología y prácticas. In Barca Durán, F. J.; Jiménez Ávila, J., eds. - *Enfermedad, muerte y cultura em las sociedades del pasado: importancia de la contextualización en los estudios paleopatológicos: actas del VIII Congreso Nacional de Paleopatología - I Encuentro hispano-luso de Paleopatología. Cáceres, 16-19 de Noviembre de 2005.* Cáceres: Fundación Academia Europea de Yuste. I, pp. 135-158.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007b) - Crematio et humatio in Hispania: Cordubensium mos. In Faber, A.; Fasold, P.; Struck, M.; Witteyer, M., eds. - *Körpergräber des 1-3. Jahrhunderts in der römischen Welt. Internationales Kolloquium Frankfurt am Main. 19 - 20 November 2004* (Schriften des Archäologischen Museums Frankfurt am Main; 21). Frankfurt am Main: Archäologisches Museum Frankfurt, pp. 271-290.
- Vaquerizo Gil, D. (2019) - Planificación topográfica en las necrópolis de Colonia Patricia (ss. I a.C.-II d.C.). *Madrider Mitteilungen.* Wiesbaden: Reichert Verlag. 60, pp. 417-421.
- Vaquerizo Gil, D. (2020) - Parcelaciones funerarias en necrópolis cordubenses. Reflexiones a partir de dos hallazgos recientes. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 93, pp. 147-172.
- Vargas Cantos, S.; Vaquerizo, D. (2001) - Tipología y evolución de los ajuares. In Vaquerizo, D., coord. - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba, pp. 158-161.
- Vargas Cantos, S. (2002) - El conjunto funerario de La Constancia (Córdoba). Ajuares y cronologías. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba. II, pp. 297-310.
- Vasconcelos, J. L. (1900a) - 9. Incrição de Olisipo. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 173.
- Vasconcelos, J. L. (1900b) - 1. Largo de São Domingos. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 283.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de ara do municipium olisiponense.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado).
- Vieira, V. (2012) - Os Mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa, em Alfama. *Portugal Romano.com. Revista de Arqueologia Romana.* [S.l./s.n.]. 3, pp. 117-124.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Vilaça, R.; Cruz, D. J.; Gonçalves, A. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. 38, pp. 5-29.
- Zamora López, J. A. (2005) - La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos. *Acta Paleohispanica.* Barcelona: Universidad de Barcelona. 5, pp. 155-192.

Lista de Autores

ANA LEMA SEABRA

ICArEHB - Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

asbr73@gmail.com

ANA MARGARIDA ARRUDA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

A.M.Arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa/ Departamento
de Património Cultural/ Direção Municipal
de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
Uniarq - Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.

ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

CATARINA BOLILA

Neoépica, Ld.^a

catarinabolila@hotmail.com

CIDÁLIA DUARTE

Direção Geral do Património Cultural.

cidalia2010@gmail.com

CLÁUDIA COSTA

ICArEHB-Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

cmcosta@ualg.pt

CLÁUDIA MANSO

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

claudia.manso@chimerapatrimonio.pt

DAVID GONÇALVES

LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório de Arqueociências
FCSH/NOVA. Direção Geral do Património Cultural.

davidmiguelgoncalves@gmail.com

DIEGO ANGELUCCI

Università degli Studi di Trento. Uniarq - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

diego.angelucci@unitn.it

ELISA DE SOUSA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.

e.sousa@campus.ul.pt

ÉVER CALVO

Era-Arqueologia, S.A.

evercalvo@era-arqueologia.pt

FRANCISCA ALVES-CARDOSO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FSCH/NOVA.

francicard@fcsch.unl.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Ld.^a

helenapinho.neoeopica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção Geral do Património Cultural.

jacintabugalhao@gmail.com

JOANA REIS

Neoépica, Ld.^a

joana.arqueologia@gmail.com

JOÃO MURALHA

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências
do Património da Universidade de Coimbra

jmuralha@gmail.com

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/
NOVA; Departamento de História FCSH/NOVA.

josecarlosquaresma@gmail.com

JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

jose.oliveira@chimerapatrimonio.pt

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/NOVA.

manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

MARINA LOURENÇO

Era-Arqueologia, S.A.

marinalourenco@era-arqueologia.pt

Lista de Autores (cont.)

NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz/
Instituto Universitário Egas Moniz; Laboratório de
Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz/ Egas
Moniz Cooperativa de Ensino Superior. LABOH -
Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia
Humana FCSH/NOVA; CRIA - Centro em Rede
de Investigação em Arqueologia FCSH/NOVA.

naferreira@egasmoniz.edu.pt

NÉLSON CABAÇO

Era-Arqueologia, S.A.

nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

NUNO NETO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PAULO BOTELHO

Engobe – Arqueologia e Património, Ld.^a

PAULO REBELO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PEDRO FERNANDES

Neoépica, Ld.^a

pedromqfernandes@gmail.com

PEDRO PEÇA

Neoépica, Ld.^a

pedropeca@gmail.com

RAQUEL GRANJA

Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade
de Lisboa. CIAS - Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde da Universidade de
Coimbra. LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório
de Arqueociências FCSH/NOVA. Direção
Geral do Património Cultural.

raagranja@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
Departamento de História FSCH/NOVA.

rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

SUSANA GARCIA

Instituto de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade de Lisboa.

msgorjao@gmail.com

SÍLVIA CASIMIRO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FCSH/NOVA.

smcasimiro@gmail.com

VASCO LEITÃO

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/
Direção Municipal de Cultura/ Câmara
Municipal de Lisboa.

vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Ld.^a

vav@sapo.pt

VÍTOR FRAZÃO

Neoépica, Ld.^a

vitfrazao@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara

Municipal de Odivelas; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC / Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC / Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau|Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior

/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIAQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*:
Para Além Desta Vida - Memória Funerária da Cidade - VII

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Rodrigo Banha da Silva – CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Ana Lema Seabra
Ana Margarida Arruda
Ana Sofia Antunes
Catarina Bolila
Cidália Duarte
Cláudia Costa
Cláudia Manso
David Gonçalves
Diego Angelucci
Elisa de Sousa
Éver Calvo
Francisca Alves-Cardoso
Helena Pinheiro
Jacinta Bugalhão
Joana Reis
João Muralha
José Carlos Quaresma
José Miguel Oliveira
Manuela Leitão
Marina Lourenço
Nathalie Antunes-Ferreira
Nelson Cabaço
Nuno Neto

Paulo Botelho
Paulo Rebelo
Pedro Fernandes
Pedro Peça
Raquel Granja
Rodrigo Banha da Silva
Susana Garcia
Sílvia Casímiro
Vasco Leitão
Vasco Noronha Vieira
Vitor Frazão

REVISÃO DO VOLUME

Rodrigo Banha da Silva - CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML
Inês Morais Viegas - DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Inês Morais Viegas (coord.) - DPC / DMC / CML
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa,
autores dos textos de cada volume
e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

DESENHO DE CAPA

César Figueiredo

ISBN

978-989-658-697-3

DATA DE EDIÇÃO

Novembro 2021

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1.500 exemplares

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM

<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER

<https://twitter.com/LisboaRomana>

LISBOA
ROMANA
FELICITAS
IULIA
OLISIPO